
RESENHAS

NO CORAÇÃO DA SALA DE AULA: GÊNERO E TRABALHO DOCENTE NAS SÉRIES INICIAIS

Marília Pinto de Carvalho
São Paulo: Xamã; Fapesp, 1999, 247 p.

Quatro professoras e um professor. Histórias de vida e de trabalho. Observação e entrevistas. Com esse material, Marília Carvalho realiza um estudo sensível e sério do cotidiano escolar nas séries iniciais do ensino fundamental. Elaborado como tese de Doutorado, defendida na Faculdade de Educação da USP, em fins de 1998, rapidamente transformado em livro, *No coração da sala de aula* explora questões aparentemente comuns das relações entre adultos e crianças no interior da escola primária, problematizando aspectos da realidade escolar pouco abordados e abrindo novas perspectivas de investigação sobre a cultura escolar.

As indagações “O que é ser mulher e o que é ser professora primária?” (p. 15) tornam-se o eixo da análise, desdobrando-se em muitas outras questões. A mulher e o feminino passam a ser tematizados, bem como exploradas as características distintas do trabalho docente nas séries iniciais do ensino fundamental (e aqui o cuidado é a categoria central da análise), antigo primário, que com muita clareza a autora aparta (por razões sociais e históricas) das séries finais, antigo ginásio.

A incorporação do conceito de cultura escolar para lidar com saberes e fazeres produzidos na escola permite que a instituição escolar apareça adensada no texto. Não o espaço vazio, onde se colocam conceitos, construídos externamente, na verdade, *preconceitos* aplicados ou aplicáveis a uma realidade desconhecida ou percebida como sem especificidade. Gênero e cuidado constituem-se e são constituídos, na escrita, pela e na escola, num movimento de apropriação e de reapropriação de valores culturais e simbólicos da sociedade, compreendida em seu sentido histórico.

O livro está dividido em seis capítulos. Os dois primeiros revelam uma redação segura e uma conceituação sensível. Preocupada em captar matizes, Marília de Carvalho dialoga com diversas aproximações teóricas, de forma a destacar similitudes e diferenças no pensamento feminista.

No capítulo I, debruça-se sobre o conceito de gênero. A constatação de uma tensão contínua no movimento feminista ocidental entre a necessidade de construir a identidade de mulher, dando-lhe significado político sólido, e a de borrar as diferenças sexuais apontadas como causa da desigualdade entre os sexos leva a autora a embrenhar-se nas discussões do feminismo da diferença. Autoras como Nancy Chodorow e Carol Gilligan são visitadas pelo olhar atento e arguto da pesquisadora, que busca em leituras pré-modernistas elementos de apoio à sua crítica. O movimento que vai do sexo ao gênero no texto de Marília de Carvalho não se constrói pela negação de autoras e teorias discutidas, mas pela preservação de aspectos do pensamento que julga válidos para a elaboração do *constructo* teórico que serve de guia à sua análise ao longo do livro. Essa é uma das faces da conceituação sensível da autora. Percorrer a literatura feminista é amealhar enfoques que, trabalhados internamente, compostos e recompostos, abrem-se como possíveis no estudo da realidade, permitindo à pesquisadora recriar imagens caleidoscópicas e produzir análises contrapontísticas, sempre ancoradas social e historicamente.

No segundo capítulo, o exercício teórico desdobra-se sobre o cuidado, concebido como categoria analítica em sua forma histórica de relação adulto-criança. Novamente, Marília de Carvalho vasculha a literatura, dando provas de seu fôlego teórico e de sua capacidade de incorporar textos e ampliar o referencial de estudo. Como no capítulo anterior, faz uso de publicações nacionais e estrangeiras, pouco disponíveis a grande parte dos pesquisadores. O conceito de cuidado permite à autora perceber as relações entre professoras e

professores e alunos e alunas não como mera transposição para o trabalho docente de sentimentos, valores e comportamentos maternos e domésticos, mas como uma prática pedagógica própria do ensino primário constituída no interior da cultura escolar a partir da concepção socioistórica de infância e de boa professora, apoiada em pressupostos que também subsidiavam as práticas de maternidade e de boa mãe, historicamente produzidas. Nesse sentido, nega o cuidado como apenas um "elemento introduzido de fora, a partir da domesticidade" ou decorrente "de algum tipo de despreparo profissional ou técnico" (p. 232) e realça a matriz cultural comum que articula cuidado infantil e feminilidade em nossa sociedade.

Os capítulos que se seguem de descrição e análise do material empírico são marcados pela mesma eficiência e, por que não, pelo mesmo perfeccionismo de indagar constantemente o material coligido, perguntando-lhe e perguntando-se sobre outros significados, outras leituras. No terceiro capítulo a Escola Alexandrina, nome fictício, nos é apresentada. Vale destacar o relato da pesquisa empírica, em que a prática de investigação é esmiuçada, servindo de auxílio àqueles que, em fase de trabalho de campo, buscam o apoio das discussões metodológicas. No quarto capítulo, os professores Mariana, Maria Rosa, Taís, Alda e Paulo são delineados, desenhados um a um pelo traço firme da pena de Marília de Carvalho. Vida e docência se embaralham nas falas coletadas e reescritas pela pesquisadora. Na construção das personagens, dados empíricos e análise do material se entrecruzam, na certeza de que as professoras e o professor entrevistados não revivem na narrativa da autora, mas são por ela também produzidos.

Nos capítulos 5 e 6, as discussões teóricas se materializam em um estudo cuidadoso e perspicaz. A escola primária e o trabalho docente são esboçados em suas contradições e ambigüidades. A análise recusa a linearidade e insinua-se na tessitura irregular do cotidiano, abordando aspectos da cultura escolar como disciplina, seleção, exclusão e avançando no debate sobre a *formação docente* intramuros.

O conjunto dessas considerações leva Marília de Carvalho a concluir apontando para "a urgência da incorporação da reflexão sobre o cuidado nas pesquisas educacionais e nos cursos de formação inicial e continuada de professores" (p. 235), certa de que só a compreensão do cuidado como dimensão socioistórica da prática docente, constituída na internalidade da cultura escolar, pode afastar as análises que tendem a desqualificar as atitudes de atenção e as ações concretas diante de aspectos não-cognitivos do desenvolvimento das crianças, bem como o envolvimento emocional e afetivo com alunos e alunas, como faces não profissionais do trabalho docente. Para a autora somente a incorporação do cuidado nos estudos sobre a escola primária levaria à sua legitimação como conhecimento sistemático e, portanto, passível de crítica e reflexão.

O livro, como um todo, é um convite ao leitor ou à leitora (professor, professora, aluno, aluna, pai ou mãe: ou tudo isso ao mesmo tempo), para que repense os fatos miúdos e cotidianos de suas práticas escolares, sob uma óptica social e histórica mais ampla, indagando-se a respeito de seus significados e surpreendendo-se diante das perspectivas de compreensão da realidade que se abrem.

Diana Gonçalves Vidal

Professora Doutora da
Faculdade de Educação da USP

O CORPO EDUCADO: PEDAGOGIAS DA SEXUALIDADE

Guacira Lopes Louro (org.)
Belo Horizonte: Autêntica, 1999, 176 p.

O corpo e suas paixões, necessidades e desejos tradicionalmente têm sido temas árdios para a pesquisa em educação. Conformado na estreita divisão entre mente e corpo, o campo educacional freqüentemente rejeita, abafa, desqualifica ou ressignifica os temas relativos à sexualidade, à nor-